



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE  
TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Mariana Moreira Dias Oliveira

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+  
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TOCANTINÓPOLIS - TO  
2024

**Mariana Moreira Dias Oliveira**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+  
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes.

TOCANTINÓPOLIS - TO  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O48i OLIVEIRA, Mariana Moreira Dias.

A inclusão de estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física / Mariana Moreira Dias OLIVEIRA. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2024.

32 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação Física Licenciatura) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Carliene Freitas da Silva Bernardes.

1. Gênero. 2. LGBTQIAPN+. 3. Educação Física.

**CDD 613.707**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Mariana Moreira Dias Oliveira

## A INCLUSÃO DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** **CARLIENE FREITAS DA SILVA BERNARDES**  
Data: 07/05/2025 16:59:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes, orientadora, UFNT.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** **MILENA PEDRO DE MORAIS**  
Data: 07/05/2025 15:46:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Milena Pedro de Moraes, examinadora, UFNT.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** **ANA ROSA CARVALHO DE OLIVEIRA**  
Data: 06/05/2025 20:19:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Ma. Ana Rosa Carvalho de Oliveira, examinadora, DAEP/UFNT.

TOCANTINÓPOLIS - TO.  
2024

“E são tantas marcas que já fazem parte do que eu sou agora, mas ainda sei me virar.”

*(Canção Lanterna dos Afogados, Paralamas do Sucesso, 1989)*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a mim mesmo por tantos desafios enfrentados no percurso acadêmico, pandemia e perdas familiares, mas desistir nunca foi a opção.

À Deus pela força, ânimo, coragem e bênçãos concedidas nesta minha trajetória de vida.

À minha orientadora, professora Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes, pelos seus ensinamentos. Todos os aprendizados são essenciais para minha formação humanitária e profissional. Gratidão pela paciência e os conselhos que nos permitiram chegar à conclusão deste trabalho.

À minha mãe Josilene Moreira Dias, meu exemplo de vida, amor e determinação. Sou grata pelos ensinamentos e por me ajudar a vencer, diariamente, os desafios da vida.

À minha tia Josiane Moreira Dias, minha segunda mãe e meu exemplo de perseverança, disciplina, foco nos estudos e que também nunca mediu esforços para dar o melhor aos seus sobrinhos.

À minhas amigas de jornada acadêmica Joice Ribeiro, Lucilene Fernandes, Hellen Regina e Cristhiellen Viana, que de forma direta ou indireta me ajudaram a chegar até aqui com entusiasmo, alegria, conforto e hombridade nestes quatro anos de curso. Saibam que vocês foram essenciais!

À minha companheira de vida, Mirela Chaves, por toda parceria, apoio e por muitas das vezes me ver além do que eu me via, me encorajando e oferecendo todo suporte pessoal até aqui.

## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT:

INTRODUÇÃO

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

PESQUISAS SOBRE GÊNERO NAS UNIVERSIDADES DO TOCANTINS

Pesquisas que utilizam a palavra gênero como sinônimo de sexo biológico/reprodutor

Pesquisas que associam gênero aos estudos sobre as mulheres

Estudos que associam gênero, sexualidade e a comunidade LGBTQIAPN+

CONSIDERAÇÕES FINAIS

## A INCLUSÃO DE ESTUDANTES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Mariana Moreira Dias Oliveira<sup>1</sup>, Carliene Freitas da Silva Bernardes<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo geral deste estudo foi investigar se há Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) sobre a inclusão de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ na Educação Física Escolar desenvolvidos nos cursos de Educação Física do Estado do Tocantins. Utilizou-se pesquisa bibliográfica com levantamento em repositórios de Instituições de Educação Superior, públicas e privadas, que ofertam cursos presenciais de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Foram recolhidos 10 (dez) publicações, sendo nove TCCs e uma Dissertação que versavam sobre gênero e Educação Física. As pesquisas demonstram a existência de práticas pedagógicas sexistas nas aulas de Educação Física: os esportes são associados aos meninos e a dança às meninas; que o tema gênero e sexualidade é pouco abordado nos cursos de formação de professores e nas aulas de Educação Física na Educação Básica; que há poucos estudos sobre a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+, evidenciando a necessidade de estudos e de uma abordagem pedagógica mais inclusiva. Conclui-se que os estudos sobre o tema são limitados e demanda-se mais pesquisas e práticas que promovam equidade e diversidade no ambiente escolar.

**Palavras-chaves:** Gênero. LGBTQIAPN+. Inclusão. Educação Física Escolar.

### THE INCLUSION OF STUDENTS FROM THE LGBTQIAPN+ COMMUNITY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

#### ABSTRACT:

The general objective of this study was to investigate whether there are Course Conclusion Papers (TCC) on the inclusion of people from the LGBTQIAPN+ community in School Physical Education developed in Physical Education courses in the State of Tocantins. Bibliographical research was used with a survey of repositories of Higher Education Institutions, public and private, that offer in-person Bachelor's and Bachelor's Degree courses in Physical Education. 10 (ten) publications were collected, nine of which were TCCs and one Dissertation that dealt with gender and Physical Education. Research demonstrates the existence of sexist pedagogical practices in Physical Education classes: sports are associated with boys and dancing with girls; that the topic of gender and sexuality is rarely addressed in teacher training courses and Physical Education classes in Basic Education; that there are few studies on the inclusion of the LGBTQIAPN+ community, highlighting the need for studies and a more inclusive pedagogical approach. It is concluded that studies on the topic are limited and more research and practices are required that promote equity and diversity in the school environment.

**Key Words:** Gender. LGBTQIAPN+. Inclusion. School Physical Education.

---

<sup>1</sup>Graduanda de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Norte do Tocantins, mmoreiradias17@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduada em Psicologia, Mestre em Psicologia e Doutora em Educação. Atua como docente na Universidade Federal do Norte do Tocantins, carliene.freitas@ufnt.edu.br.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a inclusão na educação escolar da comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer/Questionando, Intersexuais, Assexuais/Agênero, Pansexuais/Poli, Não-Binários e mais), em específico nas aulas de Educação Física.

Segundo Renan Quinalha<sup>3</sup> (2022), o movimento LGBTI+ se fortaleceu com ênfase na Alemanha no final do século XIX, considerada o berço do pré ativismo e nos Estados Unidos da América pós Segunda Guerra Mundial, com destaque para eventos como a Revolta de Stonewall, em 1969<sup>4</sup>. Esse episódio foi um marco na luta pelos direitos LGBTs, representando um momento crucial para a organização política da comunidade, que passou a reivindicar visibilidade, igualdade e direitos civis.

O movimento LGBTI+ surgiu como uma reação às diversas formas de opressão e exclusão vividas por aqueles que desafiaram as normas sociais predominantes de gênero e sexualidade, essa exclusão incluiu práticas como a criminalização da homossexualidade, tratamentos psiquiátricos forçados e a classificação da sexualidade como uma patologia (Quinalha, 2022). De acordo com o autor, o movimento foi se transformando ao longo do tempo, incorporando novas identidades, como as de pessoas trans e não binárias, sendo mais abrangente e acolhedor.

No Brasil, a articulação do movimento tornou-se mais evidente na década de 1970, em meio ao regime da Ditadura Civil Militar. Um exemplo importante foi a criação do Grupo Somos, em São Paulo, que defendia a liberdade sexual e enfrentava o preconceito. Com o passar dos anos, o movimento expandiu suas demandas, incorporando pautas como a luta contra o HIV/AIDS, a criminalização da homofobia e a busca por direitos civis, como o casamento igualitário e a possibilidade de adoção por casais do mesmo sexo (Quinalha, 2022).

Renan Quinalha (2022) explica que um marco importante na história do movimento LGBTI+ no Brasil foi a formação do "Movimento Homossexual Brasileiro" (MHB) na década

---

<sup>3</sup> Neste artigo adotaremos o primeiro nome e o sobrenome nas citações para identificarmos e valorizarmos o gênero na escrita científica, uma vez que este estudo se qualifica como Estudos de Gênero.

<sup>4</sup> No dia 28 de junho de 1969, durante uma operação policial no bar gay Stonewall Inn na cidade de New York nos EUA, clientes e funcionários foram espancados pela polícia. O acontecimento gerou protestos por dias e resultou em uma rebelião conhecida, atualmente, como a Revolta de Stonewall, um marco que ajudou a desencadear o movimento atual pelos direitos civis LGBTQ+. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia#:~:text=Em%201969%2C%20na%20cidade%20de,discrimina%C3%A7%C3%A3o%20sofridos%20pela%20comunidade%20LGBTQ%2B>. Acesso em: 20 nov. 2024.

de 1980, que se destacou por organizar as primeiras manifestações públicas em defesa da liberdade e contra a repressão. A partir dos anos 1990, a luta ganhou mais força, com a crescente visibilidade das questões de gênero e sexualidade nos meios de comunicação e nas políticas públicas. Apesar das conquistas, como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e o reconhecimento das identidades de gênero, o movimento ainda enfrenta desafios significativos, incluindo a persistência da violência e da discriminação. A trajetória do movimento LGBTI+ no Brasil continua a ser um campo de resistência constante, com avanços contínuos e um aumento da visibilidade nas esferas sociais e políticas, afirma o autor, incluindo a Educação.

O Manual orientador sobre Diversidade (Brasil, 2018) explica que gênero assume vários significados. O termo pode ser conceituado como aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino. No senso comum, a palavra gênero é usada como sinônimo de sexo biológico/reprodutor, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino referindo-se aos caracteres sexuais, incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais (Brasil, 2018).

Por outro lado, as Ciências Sociais e a Psicologia, compreendem gênero como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, considerando os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e as mulheres. Neste caso, gênero refere-se ao papel social dos homens e das mulheres nas sociedades, logo, o gênero pode ser construído e desconstruído, sendo algo mutável e não limitado, como define as Ciências Biológicas (Brasil, 2018). Neste estudo adotaremos o conceito de gênero como papel social.

Apesar dos estudos de gênero terem iniciado com os movimentos feministas e os estudos sobre mulheres nas décadas de 1960 e 1970, em nível internacional e nacional, houve ampliação para o sistema sexo-gênero-sexualidade, ou seja, os estudos de gênero envolvem pesquisas sobre as feminilidades, as masculinidades e a sexualidade humana (Louro, 2014), além dos estudos interseccionais<sup>5</sup> de gênero, classe social, etnia/raça e sexualidade (Oliveira, 2018; Marani et al., 2021).

---

<sup>5</sup> O crédito da formalização teórica e conceitual de interseccionalidade é dado à feminista negra Kimberlé Crenshaw em 1987. Como ativista, advogada e acadêmica, cunhou o campo de estudos chamado de “Teoria Crítica da Raça”, ao abordar direitos civis e legislação constitucional, denunciando várias formas de exclusões interseccionais, relativas às mulheres negras, aos deficientes, aos imigrantes, aos indígenas e outras discriminações. O conceito de interseccionalidade no pensamento de Crenshaw seria um instrumento jurídico que permitiria olhar para as múltiplas exclusões, articuladamente, e fazer justiça de forma mais criteriosa e legítima (Crenshaw, 2002).

Para discutir a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física é necessário compreender a intersecção de várias opressões sociais, tais como gênero, sexualidade e raça. De acordo com Megg Rayara Oliveira (2018), a invisibilização de travestis e mulheres transexuais negras reflete uma história de exclusão que atravessa o Movimento Negro e o próprio movimento LGBTQIAPN+. A autora argumenta que essas identidades não são plenamente acolhidas por nenhum desses movimentos, perpetuando situações de marginalização e violência. O texto traz uma abordagem da marginalização histórica de travestis e mulheres transexuais negras, destacando como a violência de gênero, o racismo e a transfobia estruturaram sua exclusão, restringindo-as a espaços como a prostituição e o entretenimento. Critica o Movimento Negro por negligenciar as questões de gênero e sexualidade e o movimento trans por não priorizar a questão racial. Como solução, propõe uma abordagem interseccional com ações concretas, como debates e campanhas inclusivas, tanto no plano teórico como no campo da militância, promovendo a aproximação de pautas, buscando o reconhecimento, o acolhimento e a valorização das mulheres negras, travestis e transexuais.

Para Guacira Louro (2014), o gênero se constitui com ou a partir dos corpos sexuados, ou seja, a biologia não é negada, mas a ênfase recai sobre a construção social e histórica que se desenvolve a partir das características biológicas. Ao reconhecer o caráter social das categorias femininas e masculinas, o conceito exige que aqueles que o utilizam considerem as diferentes sociedades e os variados momentos históricos em que estão envolvidos (Louro, 2014).

Portanto, o conceito de gênero para Guacira Louro (2014) busca refletir sobre a maneira como as características sexuais são compreendidas, representadas e como se tornam parte das práticas sociais e do processo histórico. “Gênero não é uma categoria estática, mas sim algo que está em constante mudança e transformação ao longo do tempo. A intenção é compreender o gênero como um elemento fundamental na formação da identidade do sujeito”. (Louro, 2014, p. 27).

A Identidade de gênero está relacionada à forma como uma pessoa se reconhece dentro dos padrões de gênero feminino e o masculino (Brasil, 2018). Essas características são determinadas pela sociedade e podem variar entre culturas. São exemplos de identidade de gênero: cisgênero, transgênero, transexuais, mulher trans, homem trans (Brasil, 2018).

A Identidade cis é definida como uma pessoa que se identifica com o gênero igual ao do sexo de nascimento (Brasil, 2018). A Identidade transgênero diz a respeito ao termo genérico que vale para qualquer pessoa que se identifique com um gênero diferente ao do sexo de nascimento. Por exemplo, transexuais e travestis. Há, ainda, indivíduos que não se enquadram

no conceito binário homem/mulher, chamados a-gêneros, e os que se identificam com ambos, intergêneros, andrôgenos, bigêneros e crossdresser (Brasil, 2018).

O termo orientação afetivo sexual se refere à maneira como nos relacionamos com as emoções e a sexualidade. Os conceitos de homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade e assexualidade são tipos de orientação afetivo sexual. Este conceito também é conhecido como orientação sexual emocional porque não se trata apenas do ato sexual (Brasil, 2018).

Observa-se no cotidiano que as identidades de gênero cis e a heterossexualidade são mais aceitas na sociedade brasileira, gerando discriminação àqueles não binários, com identidades de gênero trans e orientações sexuais homoafetivas. A Heteronormatividade<sup>6</sup> é um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada em vários espaços (família, escola, trabalho, etc.) como única possibilidade natural e legítima de expressão sexual, desconsiderando quaisquer outras orientações, como a bissexualidade e a homossexualidade (Louro, 2001; Brasil, 2018).

Nesse contexto, indaga-se se a identidade de gênero e a orientação sexual dos estudantes, não normativa, promovem sua exclusão das aulas de Educação Física escolar? Como os professores de Educação Física podem promover a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas?

Aline Giardin (2020) realizou pesquisas com estudantes de escolas da Educação Básica do Rio Grande do Sul sobre as questões de gênero, aceitação do corpo e relações interpessoais nas aulas de Educação Física. Verificou-se que o ambiente escolar, em específico, as aulas de Educação Física reproduzem e reforçam práticas segregadoras; aumentam as dificuldades de relacionamento entre os alunos LGBTQs e não LGBTQs; aumenta a dificuldade de aceitação do próprio corpo; os alunos LGBTQs não se sentem confortáveis em algumas modalidades de esportes. A autora ressalta a importância da comunidade escolar aprofundar nas questões de gênero e a repensarem suas práticas e assim, facilitar a inclusão dessa população, principalmente nas aulas de Educação Física (Giardin, 2020).

Na área específica da Educação Física, Hugo Marani et al. (2021), discute como o corpo é atravessado por relações de poder simultâneas: gênero, sexualidade e raça no âmbito da

---

<sup>6</sup> O termo heteronormatividade ou heterossexualidade compulsória é um dos eixos de discussão do movimento político e teórico denominado de Estudos Queer (LOURO, 2001) que questiona a normalização binária do sistema sexo-gênero-sexualidade (homem/mulher; masculino/feminino; heterossexual/homossexual) e propõe a vivência de identidades diversas.

cultura física e do esporte. O artigo se embasa nos Estudos Culturais Físicos com perspectivas feministas e discute três relatos auto etnográficos de estudantes mulheres, cisgênero, brancas e negras, hetero e homossexuais do curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso, campus Araguaia, que experienciaram as práticas corporais de Dança, Futebol/Futsal e Capoeira.

Gabriella, como mulher, negra e heterossexual problematizou a percepção do próprio corpo dentro das relações de poder em sua formação em Educação Física, nas experiências com a dança de salão. Ela fez reflexões sobre formas inovadoras de condução e dinâmicas de trocas de parceiros(as), haja vista que a dança de salão é vivenciada entre casais heterossexuais e o cavalheiro conduz a dama. A autora destaca a necessidade de discutir assuntos que envolvam “as práticas pessoais – na singularidade dos corpos – abordando o respeito, a não sexualização e objetificação dos corpos de mulheres, assuntos que ainda carecem de discussão na formação em Educação Física” (Marani et al., 2017).

Eduarda, abordou no seu relato, a interseção entre esporte, fisicalidade, identidade de gênero e sexualidade, na condição de mulher, cisgênero, branca e lésbica. Durante sua trajetória como atleta de futsal e futebol, percebeu que no “contexto do âmbito esportivo, expressões como futsal e futebol ainda são voltadas majoritariamente para o público masculino”, relatando as exigências socioculturais de adequar seu corpo aos padrões estabelecidos (Marani et al., 2021, p. 208). No entanto, com o contato com os Estudos Culturais Físicos (ECF), passou a refletir sobre a forma como o esporte contribui para a construção das identidades e como pode se tornar um espaço de disputa e ressignificação das normas de gênero.

Pâmela compartilhou sua experiência como mulher, heterossexual e de classe média na capoeira, analisando a interseccionalidade entre raça e gênero. Ela enfatizou que a capoeira tem sido demarcada como uma prática corporal de predominância masculina. Mas na sua trajetória teve sua tia como Mestre na condução de um grupo de capoeira, o que influenciou na construção da sua identidade como mulher: “[...] sou parte da desconstrução gradual de paradigmas e barreiras que ainda existem na capoeira relacionadas à participação feminina, dadas as condições históricas, sociais e políticas que a produziram no contexto brasileiro [...]” (Marani et al., 2021, p. 210).

Hugo Marani como professor de Dança no curso de Educação Física sendo homem, branco, cisgênero, homossexual (gay) e sem deficiência, reforçou o quanto meninos evitavam as aulas de dança: “[...] alunos saindo da sala por recusarem interagir com corpos do mesmo gênero; meninos/homens que sentavam e diziam não estar passando muito bem para evitar as

atividades propostas; reuniões agendadas por estudantes que buscavam relatar o desconforto ao dançarem em classe” (Marani et. al., 2021, p. 212). Os autores concluem sobre a necessidade de aprofundar pesquisas que contemplem a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e raça nas práticas pedagógicas da Educação Física, sendo importante que os cursos de formação docente incluam esses debates em seus currículos, preparando futuros professores para promover ambientes educacionais mais equitativos e respeitosos com a diversidade de corpos e identidades.

A Unesco (2019) direcionou os países signatários à ONU (Organização das Nações Unidas) a promoverem políticas educacionais inclusivas e equitativas. Eles compreendem a inclusão como um processo que ajuda a superar barreiras que limitam a presença, participação e conquistas dos estudantes; e equidade como a preocupação com justiça/processos justos, de modo que a educação de todos os estudantes seja considerada como de igual importância, independente do gênero, sexualidade, etnia/raça, classe social, deficiência, dentre outros.

A mensagem principal da Unesco (2019, p. 13) é que “todo estudante é importante e tem igual importância”, que as políticas educacionais possam “[..] enxergar diferenças individuais não como problemas a serem resolvidos, mas como oportunidades para democratizar e enriquecer a aprendizagem [...]”. Defendem que as diferenças podem atuar como catalisadoras para a inovação, beneficiando todos os estudantes, independente das suas características pessoais e circunstâncias domésticas.

A Unesco (2019) explica que o grande desafio da promoção de políticas inclusivas e equitativas são as práticas educacionais, logo orientam que alguns fatores podem facilitar ou inibir práticas inclusivas e equitativas nos sistemas educacionais: atitudes e habilidades dos professores, infraestrutura, estratégias pedagógicas e o currículo.

Desta forma, esta pesquisa justifica-se por contribuir com a quebra de parâmetros e preconceitos em relação à comunidade LGBTQIAPN+ e sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar, gerando uma modificação nos olhares dos profissionais que buscam o conhecimento e novas ferramentas de inclusão para a comunidade na escola.

Pessoalmente, esta pesquisa se justifica pelas vivências e memórias afetivas do ensino escolar fundamental e médio na qual pude resgatar vários momentos de exclusão vivenciados, que na época passaram despercebidos pela falta de conhecimentos. Desde jovem, sempre fui muito calada e observadora. No entanto, foi a partir do Ensino Fundamental que minhas primeiras observações começaram a se tornar mais frequentes, especialmente ao notar a

exclusão de alguns colegas da comunidade LGBTQIAPN+ durante as aulas de Educação Física. Ao presenciar essas situações, me questionava por que os professores não atuavam para incluir os alunos que permaneciam isolados. Por outro lado, minha própria participação nas aulas era esporádica, pois, apesar de gostar da disciplina, eu mantinha uma postura mais reservada.

Essas observações continuaram silenciadas e reprimidas por anos, pois essa era a forma como eu lidava com questões da minha identidade de gênero e afetivo sexual, como mulher cisgênero, homossexual e parda, que me afetaram diretamente. Durante minha pré-adolescência e juventude, segui dessa maneira até que, ao ingressar no Ensino Superior, finalmente encontrei um espaço para expressar aquilo que havia mantido represado por tanto tempo. Foi nesse período que passei a compreender a relevância desse tema para a sociedade.

Inicialmente, cursei Ciências Sociais até o quinto período, meu primeiro curso acadêmico. Durante essa jornada, em 2019, tive a oportunidade de participar do Encontro de Formação Política e Militância Universitária (EFPMU), promovido pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Esse evento marcou meu primeiro contato com pautas sociais e com a causa LGBTQIAPN+. Mais uma vez, permaneci calada, mas observando atentamente as palestras e mesas-redondas, que traziam debates instigantes que despertavam meu interesse.

A partir desse momento, comecei a refletir, de forma silenciosa, sobre a possibilidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e, ao mesmo tempo, sobre meu próprio pertencimento. Essa construção identitária foi sendo moldada ao longo do tempo e hoje se fortalece através da pesquisa que desenvolvo em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, sigo em constante aprendizado e autoconhecimento, ampliando minha compreensão tanto acadêmica quanto interpessoal.

O interesse por essa pesquisa não é apenas acadêmico, mas também profundamente pessoal. Como integrante da comunidade LGBTQIAPN+, minha trajetória na Educação Física sempre esteve permeada por desafios, questionamentos e, em muitos momentos, invisibilização. Durante minha formação, percebi que a presença de estudantes LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física ainda é um tema pouco discutido e frequentemente negligenciado, o que me fez refletir sobre a necessidade de trazer essa pauta para o meio acadêmico.

A escolha desse tema surgiu a partir das minhas próprias vivências e do desejo de compreender melhor como as questões de gênero e sexualidade são tratadas dentro da disciplina. Sempre me questionei sobre os espaços que a Educação Física escolar oferece (ou nega) a estudantes LGBTQIAPN+ e sobre como as práticas pedagógicas podem contribuir para

a inclusão ou exclusão desses corpos e identidades. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a ausência de debates sobre essa população no meio acadêmico reflete um contexto de preconceitos e discriminações que precisa ser enfrentado.

Indago nesta pesquisa se há inclusão ou exclusão de estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física nas Escolas da Educação Básica. Fazendo parte da comunidade tenho interesse em qualificar minha carreira profissional, onde posso trazer benefícios e conhecimentos de inclusão utilizando meu trabalho de pesquisa como fundamentação para práticas profissionais mais inclusivas na Educação Física escolar.

O objetivo geral deste estudo foi investigar se há Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) sobre a inclusão de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ na Educação Física Escolar desenvolvidos nos cursos de Educação Física do Estado do Tocantins. De maneira específica, buscou-se mapear as IES (Instituições de Ensino Superior) que ofertam o curso de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) no Estado do Tocantins; realizar levantamento de TCCs sobre a temática nos repositórios das IES no período cronológico de 2014-2024; analisar o quanto os TCCs encontrados discutem a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física Escolar.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica com objetivos exploratórios e descritivos sobre a inclusão de estudantes da Comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física Escolar.

De acordo com Marconi Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é o tipo específico de produção científica com finalidade de colocar o(a) pesquisador(a) em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. Tem como fonte de informações: livros, teses, dissertações, monografias, artigos científicos, jornais, revistas, resenhas e resumos em eventos científicos, material cartográfico e até meios de comunicação oral como programas de rádio, gravações, audiovisuais, filmes e programas de televisão, dentre outros.

Das informações levantadas no banco de dados do E-MEC<sup>7</sup>, em junho de 2024, há 54 cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) sendo ofertados no Estado do

---

<sup>7</sup> O E-mec é um sistema do Ministério da Educação (MEC) responsável pela tramitação dos processos de ato regulatório das instituições de Educação Superior do Brasil. Mais informações: <https://emec.mec.gov.br/>.

Tocantins, destes 41 são à distância e 13 são cursos presenciais. Neste estudo, considerou-se apenas os cursos ofertados de forma presencial e que estão ativos.

Conforme Quadro 01, há dez cursos de Educação Física ativos em nove (08) Instituições de Educação Superior - IES no Estado do Tocantins. Dos dez cursos, seis são de Licenciatura e quatro de Bacharelado. O curso mais antigo é o de Licenciatura em Educação Física na UNIRG aberto no ano de 2000 e o mais recente é o curso de Bacharelado em Educação Física da UNITOP em 2022.

Os cursos são ofertados em cinco IES privadas (UNIRG, CEULP, FAPAL, FAG e UNITOP) e três IES públicas (UFT, UFNT, IFTO). Apenas a UNIRG e a FAPAL ofertam Licenciatura e Bacharelado em Educação Física de forma concomitante.

A oferta dos cursos está concentrada na capital do Estado, na cidade de Palmas, com cinco cursos, seguida de Gurupi com dois cursos. Em Miracema, Tocantinópolis e Guaraí é ofertado apenas um curso de Educação Física.

**Quadro 1:** Cursos de Educação Física (Bacharelado, Licenciatura) ofertados nas IES do Estado do Tocantins, cadastrados no Ministério da Educação.

<b>IES Tocantins</b>	<b>Pública Privada</b>	<b>Bacharelado Licenciatura</b>	<b>Ano abertura curso</b>	<b>Ativo Extinção</b>	<b>Cidade</b>
Universidade de Gurupi - UNIRG	Privada	Licenciatura em Educação Física	2000	Ativo	Gurupi
		Bacharelado em Educação Física	2010	Ativo	Gurupi
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP	Privada	Bacharelado em Educação Física	2008	Ativo	Palmas
Universidade Federal do Tocantins- UFT	Pública	Licenciatura em Educação Física	2010	Ativo	Miracema
Faculdade de Palmas - FAPAL	Privada	Licenciatura em Educação Física	2011	Ativo	Palmas
		Bacharelado em Educação Física	2017	Ativo	Palmas
Faculdade de Guaraí - FAG	Privada	Licenciatura em Educação Física	2014	Ativo	Guaraí

Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT	Pública	Licenciatura Educação Física	2015	Ativo	Tocantinópolis
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO	Pública	Licenciatura em Educação Física	2015	Ativo	Palmas
Centro Universitário ITOP – UNITOP	Privada	Bacharelado em Educação Física	2022	Ativo	Palmas

Fonte: autoria própria.

Para identificar as publicações científicas, principalmente Trabalhos de Conclusão de Curso em nível de graduação, buscou-se acessar os repositórios das IES<sup>8</sup> no período cronológico de 2014-2024, que contivessem as palavras chaves: homofobia ou (*or*) LGBT ou (*or*) LGBTQIAPN+ ou (*or*) gênero ou (*or*) orientação sexual e (*and*) Educação Física. A busca foi realizada combinando alternadamente as palavras chaves iniciais com Educação Física.

Após a recolha das publicações foram realizadas a leitura e os fichamentos, buscando identificar se houve inclusão ou não dos estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física escolar.

## **PESQUISAS SOBRE GÊNERO NAS UNIVERSIDADES DO TOCANTINS**

Os repositórios das oito IES que ofertam cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física foram analisados, entre maio e junho de 2024, em busca de estudos de gênero sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Apenas na FAPAL não foi encontrado repositório institucional disponível para pesquisas. Na UNITOP, há repositório institucional para pesquisas, mas não foram encontradas publicações dos TCCs defendidos na instituição. Na UNIRG, há repositório, mas não há publicações sobre gênero ou comunidade LGBT.

<sup>8</sup>CEULP: <https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/publico/home/pesquisar>.

FAG: <https://sagres.fag.edu.br/PortalSagres/Modules/acervo/externo/consultaacervo.aspx>,

FAPAL: <https://www.fapal.edu.br/instituto/biblioteca.asp>

IFTO: <http://biblioteca.ifto.edu.br/mobile/busca.asp?idioma=ptbr&acesso=web>

UFT/UFNT: <https://sistemas.uft.edu.br/biblioteca/pesquisa/pesquisar.action>.

UNITOP: <https://www.faculdadeitop.edu.br/noticia-26-biblioteca>,

UNIRG: <https://www.unirg.edu.br/biblioteca>,

Na CEULP aparece pesquisas sobre gênero e sexualidade na área da Psicologia e estudos sobre as mulheres cis. No IFTO há livros sobre gênero e diversidade sexual, além de TCCs na área do curso de Letras. Na FAG tem livros da comunidade LGBT, mas nada associado à Educação Física.

Apenas no repositório da UFT/UFNT<sup>9</sup>, encontrou-se livros e pesquisas em nível de Graduação (Monografias) e Pós-graduação (Dissertações), conforme Quadro 02.

Os dois livros encontrados versavam sobre Educação Física e Gênero: 1) Educação Física e Gênero: olhares em cena (2003) de Agripino Alves Luz Junior; 2) Educação Física e Gênero: desafios educacionais (2013) de Priscila Gomes Dornelles, Ileana Wenetz, Maria Simone Vione Schwengber. Os livros não foram analisados, pois eram exemplares únicos e não foram encontrados na biblioteca física.

Sobre as pesquisas, encontrou-se 10 publicações, sendo nove (09) Monografias e uma (01) Dissertação. Todas elas contiveram as palavras-chaves Gênero e Educação Física, logo foram recolhidas para análise.

As nove Monografias são Trabalhos de Conclusão de Curso, em nível de Graduação, do curso de Licenciatura em Educação Física: cinco da UFT/Miracema e cinco da UFNT/Tocantinópolis. Elas foram publicadas entre 2016 e 2023, com maior número em 2019 (03) e 2023 (03). Dentre as autorias, seis eram do sexo feminino e quatro do sexo masculino. O que demonstra maior interesse de autorias femininas pela temática de Gênero.

A Dissertação recolhida foi construída no âmbito do PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação da UFT/Palmas e publicada em 2019 pelo estudante Anderson Santos. Apesar desta publicação ser em nível de Pós-graduação, fez sua análise em função de tratar da diversidade sexual nos currículos de Educação Física.

**Quadro 2:** Publicações sobre Gênero e Educação Física contidas no repositório da UFT/UFNT.

Nº.	Título	Ano	Autoria	Tipo de publicação	IES/Curso
01	A Pedagogia e a função cognitiva de idosos da academia da melhor idade do norte do Tocantins	2016	Taylane Maria Sousa Viana	Monografia	UFNT Tocantinópolis Licenciatura em Educação Física
02	A Educação Física escolar entre o real e o virtual: a utilização dos jogos eletrônicos	2019	Jeferson Alves De	Monografia	UFNT Tocantinópolis

<sup>9</sup> A UFNT foi criada pelo desmembramento do Campus da UFT de Araguaína e Tocantinópolis em 2018. As duas instituições usam o mesmo repositório institucional até o presente momento, julho de 2024.

	como possibilidade pedagógica		Sousa		Licenciatura em Educação Física
03	A Diversidade sexual e de gênero nos currículos que informam pedagogas(os), professores (as) de Educação Física e Bacharéis em Direito na Universidade de Brasília (Unb)	2019	Anderson Neves Dos Santos	Dissertação	UFT Palmas PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação.
04	Discutindo Educação Física e Gênero: percurso histórico das relações de gênero na sociedade e nas práticas corporais	2019	Patricia Moreira De Oliveira	Monografia	UFT Miracema Curso de Licenciatura em Educação Física
05	Relações de gênero e sexualidade na formação das/dos professores/as de Educação Física nas instituições de ensino superior públicas do Tocantins	2021	Ismael Barreto Neves Junior	Monografia	UFT Miracema Curso de Licenciatura em Educação Física
06	A Dança como prática pedagógica na Educação Física escolar	2021	Emilly Cristina Pereira De Almeida	Monografia	UFNT Tocantinópolis Licenciatura em Educação Física
07	A trajetória esportiva no futebol feminino da: iniciação à profissionalização	2022	Richelle Moraes Dos Santos	Monografia	UFNT Tocantinópolis Licenciatura em Educação Física
08	Da inspiração à profissão: compreendendo o processo de construção da docência feminina na Educação Física	2022	Milena Silva Ramos	Monografia	UFNT Tocantinópolis Licenciatura em Educação Física
09	A Ginástica e a Dança como conteúdo e ferramenta pedagógica nas ações do PIBID Educação Física	2022	Gabrielle Alves Martins	Monografia	UFNT Tocantinópolis Licenciatura em Educação Física
10	A Participação Feminina nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II em Miracema do Tocantins-TO	2023	Maicon Pinto Da Silva	Monografia	UFT Miracema Curso de Licenciatura em Educação Física

Fonte: autoria própria.

### **Pesquisas que utilizam a palavra gênero como sinônimo de sexo biológico/reprodutor**

Algumas pesquisas utilizam a palavra gênero como sinônimo de sexo biológico/reprodutor, não fazendo as discussões da influência de gênero no tema analisado.

Thaylane Maria (2016) estudou a função cognitiva de idosos inseridos numa Academia da Melhor Idade na cidade de Tocantinópolis /TO. A pesquisadora avaliou o perfil sociodemográfico das participantes por meio de uma entrevista e avaliação da cognição por meio de testes cognitivos (Mini Exame do Estado Mental e Teste do Desenho do Relógio). A

autora organizou os resultados por gênero (feminino/masculino), afirmando que a maioria dos participantes eram idosas (84%). Mas a autora não problematizou em torno das diferenças entre mulheres e homens.

Gabrielle Martins (2022) pesquisou acerca do tema “A ginástica e a dança como conteúdo e ferramenta pedagógica nas ações do PIBID-educação básica”, analisando suas vivências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A autora trabalhou os conteúdos de dança e ginástica dentro do programa que ocorreu na cidade de Tocantinópolis/TO em quatro escolas públicas estaduais, nas etapas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e percebeu que houve uma relutância dos meninos em participarem das aulas, devido aos estereótipos de que dança e ginástica são coisas para mulheres. Além disso, a autora revisou na literatura que esses estereótipos são uma prática pedagógica sexista onde os professores de Educação Física separam os alunos por sexo durante as práticas corporais.

Emily Almeida (2021) em seu artigo sobre “A dança como prática pedagógica na Educação Física Escolar” verificou quais eram os tipos de abordagens utilizadas pelos professores para aplicar o ensino da dança nas escolas estaduais de Tocantinópolis-TO. A pesquisa foi realizada com sete professores da rede estadual, sendo seis homens e uma mulher, com idades entre 29 e 36 anos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas de forma remota (plataforma Google Meet). Perguntas sobre gênero e dança não foram elaboradas pela autora, mas o tema emergiu quando a autora perguntou sobre o envolvimento dos alunos nas aulas de dança. Os entrevistados relataram que os meninos tinham preferência por práticas esportivas (futebol, futsal, basquete, vôlei e tênis de mesa), logo, os meninos não participavam das aulas de dança por conta que as atividades eram, ao ver deles, destinadas às meninas.

### **Pesquisas que associam gênero aos estudos sobre as mulheres**

Richelle Moraes (2022) no seu artigo "A Trajetória Esportiva no Futebol Feminino: da Iniciação à Profissionalização", investigou os elementos socioculturais que influenciaram a jornada da atleta de futebol profissional, Tatyane Amaral, abordando temas relacionados ao gênero, as oportunidades e os obstáculos enfrentados desde o início da prática esportiva até a sua entrada no cenário profissional do futebol. A autora realizou uma pesquisa de abordagem qualitativa, atribuindo o meio social como principal veículo de informações e o investigador como peça central da pesquisa, tendo realizado diálogos com a participante através do Whatsapp e Instagram.

A pesquisa de Richelle Santos (2022) ofereceu detalhes das oportunidades, dos desafios e das questões de gênero pela jogadora Tatyane Amaral, goleira do Cruzeiro Esporte Clube em 2022. A atleta relata que, no decorrer da sua iniciação esportiva futebolística, o professor de Educação Física da sua escola relutava em deixá-la participar, alegando que seria a única no meio dos meninos, mas o ocorrido não a fez desistir da sua apreciação pelo futebol. No decorrer da sua profissionalização, Tatyane enfrentou várias situações sexistas: não recebeu apoio de sua mãe, que considerava o futebol uma prática masculina; e recebeu várias críticas das pessoas ao seu redor, que falavam que o futebol era “coisa de homem”. No entanto, enfrentou com otimismo e não desistiu da carreira. Tatyane relata que “por mais que nas últimas décadas esse esporte venha se desenvolvendo, graças às muitas lutas travadas por mulheres ao longo da história, ainda há muito o que crescer e, principalmente, muitas questões de gênero a serem vencidas, afinal, o lugar de mulher é onde ela quiser.” (Santos, 2022, p. 24).

Richelle Santos (2022) considera que as desigualdades de gênero enfrentadas pelas mulheres na carreira profissional de futebol, emergem visto que o futebol é prática esportiva voltada ao gênero masculino. Neste contexto, a Educação Física escolar exerce um papel crucial na formação da identidade esportiva dos(as) alunos(as). Os (as) educadores(as) devem introduzir diversas modalidades esportivas e adotar metodologias que promovam a inclusão, com um foco especial na igualdade de gênero, especialmente no futebol, onde muitos(as) jovens sonham em se tornar jogadores(as) profissionais.

Millena Silva (2022) em seu TCC "Da Inspiração à Profissão: Compreendendo o Processo de Construção da Docência Feminina na Educação Física", investigou o percurso das mulheres que escolhem a carreira de docente na área da Educação Física. Através de pesquisa qualitativa realizou entrevista semi-estruturada, via *meet*, com uma professora da rede municipal da cidade de Tocantinópolis-TO. O artigo buscou entender como as mulheres constroem sua trajetória na docência de Educação Física, desde a inspiração inicial para a carreira até a realização profissional. A professora entrevistada expôs seus relatos com base nas suas vivências durante a graduação, onde ela observou a falta de interesse vindo de seus professores durante algumas práticas/treinos voltada para as meninas e uma atenção maior dobrada aos meninos, durante as atividades esportivas de futsal. Observou também a dificuldade dos professores em ministrar atividades que são consideradas “afeminadas” e destinadas naturalmente para mulheres, tais como a Dança. A professora entrevistada, após o encerramento da graduação, trabalhou na APAE Tocantinópolis e, em seguida, inseriu-se numa escola municipal do mesmo município, trabalhando como professora de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Onde ela expôs seus relatos que os egressos homens

ocupavam vagas nas escolas do município por indicação política e as egressas acabavam ocupando funções nas academias de musculação da cidade; que os homens eram destinados a trabalhar atividades esportivas e acompanhar os alunos nos JETs (Jogos Estudantis do Tocantins) e as mulheres a trabalhar atividades de dança gerando uma desigualdade na profissão (Silva, 2022).

Milena Silva (2022) conclui que a entrevistada enfrentou desafios significativos na construção de sua carreira profissional como a sua dificuldade de fazer a explanação do conteúdo e explicar o objetivo, a falta de conhecimento aprofundado na docência e a insegurança oriunda da inexperiência, incluindo a desigualdade de gênero e a falta de oportunidades, uma representação desigual em posições de liderança e em áreas mais valorizadas da profissão. Esses desafios podem impactar o desenvolvimento e a percepção de futuras graduandas quanto à carreira profissional em Educação Física escolar e enfatiza a necessidade de políticas e práticas que apoiem e promovam a igualdade de gênero na área.

Maicon Pinto (2023) em sua monografia "A Participação Feminina nas Aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II em Miracema do Tocantins-TO", investigou o nível de participação das alunas nas aulas de Educação Física e identificou possíveis barreiras e fatores que influenciam essa participação nas escolas de Miracema do Tocantins. A pesquisa realizada foi bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, com uso de questionário para o docente de Educação Física e observações das aulas de uma turma do Ensino Fundamental II. O autor compreendeu como a participação feminina nas aulas de Educação Física é impactada por aspectos sociais, culturais e pedagógicos.

Após buscas em revistas científicas para caracterizar os aspectos que influenciam o desinteresse por parte das meninas, Maicon Pinto (2023) encontrou pesquisas científicas relatando a existência de práticas sexistas quando se trata de atividades físicas na escola, causando desmotivação nas meninas: futsal é para meninos e vôlei para meninas, afastando as meninas de outras práticas esportivas. Durante a pesquisa de campo, o professor da turma relatou as principais barreiras identificadas para a participação feminina, isto é, a falta de incentivo por parte dos pais e a falta de oportunidades para práticas esportivas que atendem seus interesses por parte da escola. O autor observou durante as aulas que as meninas se mantinham distantes ou iam jogar vôlei demonstrando pouco interesse nas aulas de futsal. O autor conclui que as concepções de gênero influenciam práticas pedagógicas sexistas nas aulas de Educação Física desmotivando a participação das meninas e sugere práticas inclusivas que favoreça a participação de meninos e meninas nas aulas, de forma igualitária, através de mediações pedagógicas que despertem interesses de práticas esportivas diversas (Pinto, 2023).

### **Estudos que associam gênero, sexualidade e a comunidade LGBTQIAPN+**

Jefferson Alves (2019) analisou as contribuições didático-pedagógicas que os jogos eletrônicos proporcionam às aulas de Educação Física em uma escola pública de ensino integral na cidade de Tocantinópolis – TO. O autor realizou intervenção numa turma de 6º ano, com 14 meninas e 11 meninos entre 10 a 14 anos, durante 08 semanas. O autor fez a utilização de diversos jogos: Jogos da Cobrinha, *Angry Birds*, *Bomberman*, *Free Fire*, *Subway Surf*, Futebol, *Just Dance*, *Score Hero* e *Resident Evil*. O autor destaca a resistência dos meninos em participarem do jogo “Just Dance”, pois como é um jogo de dança muitos consideravam coisa de menina. Atitudes como estas por parte dos meninos, fez o autor refletir sobre a importância dos jogos eletrônicos como instrumento nas aulas de Educação Física Escolar no combate à desigualdade e preconceito de gênero.

Jefferson Alves (2019) analisou as contribuições didáticas pedagógicas que os jogos eletrônicos proporcionam, problematizando entre o real e o virtual nas aulas de Educação Física; ressaltou que o professor não precisa de uma especialização no ramo eletrônico apenas conhecimento prévio aplicar os jogos eletrônicos; que o conteúdo explorado por meios dos jogos eletrônicos serviu como ponte para debater assuntos significativos dentro da realidade escolar: gênero, esporte e violência. Por fim, o presente trabalho conclui ressaltando que os jogos eletrônicos têm grande importância na área da Educação Física Escolar, funcionando como um valioso recurso didático-pedagógico para ajudar na compreensão dos limites entre o mundo real e o mundo virtual.

Patrícia Moreira (2019) em sua monografia “Discutindo Educação Física e gênero: percurso histórico das relações de gênero na sociedade e nas práticas corporais” realizou uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, com o objetivo geral de compreender como as relações de gênero se estruturam nas aulas de Educação Física escolar. A autora explorou a evolução histórica das relações de gênero na sociedade e como essas dinâmicas influenciam o ambiente escolar, com ênfase nas aulas de Educação Física. Conceitua gênero, discutindo como ele foi moldado social e culturalmente, diferenciando-o da visão biológica, destaca a contribuição dos movimentos feministas e acadêmicos que desafiaram a subordinação histórica das mulheres. A pesquisa investigou como as relações de gênero se manifestam nas escolas, desde as práticas pedagógicas até a divisão de atividades nas aulas de Educação Física, como a mesma cita que em suas vivências durante as aulas no Ensino Fundamental II, quando o

professor separava as meninas dos meninos no decorrer das práticas esportivas de futsal, destaca o papel das instituições em reforçar os estereótipos de gênero.

Patrícia Moreira (2019) revela que as aulas de Educação Física frequentemente perpetuam estereótipos, associando esportes de maior esforço físico aos meninos e atividades mais leves às meninas, argumentando que é essencial repensar essas práticas para promover igualdade e inclusão. A autora defende que discutir gênero é fundamental para a formação de professores de Educação Física, a fim de combater preconceitos e desigualdades nas práticas pedagógicas. A autora sugere que, para transformar essas dinâmicas, é necessário integrar o tema de gênero ao currículo escolar e à formação docente, visando uma educação mais justa e inclusiva.

Anderson Santos (2019) realizou uma pesquisa bibliográfica e documental para investigar a representação da diversidade sexual e de gênero nos currículos dos cursos de Graduação em Pedagogia, Educação Física e em Direito da UnB. Segundo a busca do autor, há parâmetros na qual indicam que os currículos responsáveis pela formação dos professores e operadores do Direito, incluindo os que lidam com a temática de Direitos Humanos, negligenciam a educação sobre diversidade sexual e de gênero. Quando se trata do currículo de Educação Física da UnB, verificou-se que o tema diversidade de gênero é abordado de forma superficial, negligenciando discussões mais aprofundadas, resultando em uma formação que não prepara, adequadamente, os futuros profissionais para lidar com questões de gênero no ambiente tanto esportivo quanto escolar.

Anderson Santos (2019) conclui/as que os currículos analisados (in)formam pedagogos/as, professores/as de Educação Física e profissionais do Direito sobre gênero, porém deixam de abordar a diversidade sexual e de gênero de forma aprofundada, pois a temática está presente de forma "ausente" nos currículos, com uma abordagem insuficiente nos etnotextos analisados pelo autor. Dessa forma, os currículos invisibilizam as identidades sexuais e de gênero; promovem a heteronormatividade curricular; apresentam lacunas formativas alinhadas aos silenciamentos dos documentos oficiais; e demonstram uma desconexão entre a formação docente e as políticas públicas de educação, no que tange à efetivação do trabalho com a diversidade sexual e de gênero (Santos, 2019).

Ismael Barreto (2021) através de pesquisa bibliográfica e documental, examinou como questões de gênero e sexualidade são abordadas na formação de professores de Educação Física nas Universidade Públicas do Tocantins (IFTO, UFT/Miracema e UFT/Tocantinópolis). O estudo foi conduzido ao longo de doze meses, com a coleta de dados ocorrendo entre agosto e novembro de 2020, em duas fases. Na primeira fase foram realizadas buscas nos sites das

instituições para localizar os PPCs (Projetos Pedagógicos de Cursos). Na segunda fase procedeu-se à análise dos documentos, com foco na identificação de palavras-chave como "Gênero" e "Sexualidade" nos materiais.

Ismael Barreto (2021) buscou compreender como essas questões são integradas na formação dos futuros profissionais de Educação Física e identificar as lacunas e desafios. O tema Gênero e Sexualidade é abordado de forma transversal em muitas ementas dos três currículos de Educação Física analisados, semelhantes ao que ocorre nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que destacam a transversalidade do tema, mas sem aprofundar o debate, diz o autor. Na maioria das ementas, o termo "questões de gênero" ou apenas a palavra "gênero" é mencionada, mas sem conteúdo que promovam uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Os resultados da pesquisa revelam que a temática é tratada de forma superficial e ausente nos currículos, onde há uma predominância de uma visão tradicional e heteronormativa. Logo, o autor concluiu que há a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e crítica em relação às questões de gênero e sexualidade na formação democrática e social dos professores.

Ao analisar todos os trabalhos notou-se que grande parte deles citava a palavra gênero, no entanto, não propuseram conceitos teóricos sobre esta categoria de estudo e pouco problematizam sobre as diferenças de gênero, os mesmos trabalhos também não levantaram a presença ou ausência da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física, e não analisaram as estratégias de inclusão da comunidade nas aulas evidenciando que não há TCCs que discorrem sobre o assunto.

Gênero refere-se ao conjunto de características, papéis, comportamentos e identidades que são socialmente atribuídos aos conceitos de "masculino" e "feminino". Ao contrário do sexo biológico, que se refere às características físicas, o gênero é uma construção social e cultural, cuja definição pode variar de acordo com o contexto histórico, cultural e pessoal (Louro, 2001, 2014). Ele abrange tanto a forma como as pessoas se identificam quanto a maneira como são percebidas pela sociedade, podendo englobar identidades como masculino, feminino, não binário, de gênero, entre outras.

Nas pesquisas analisadas observou-se que práticas sexistas eram comuns de serem encontradas durante as aulas de Educação Física Escolar, ou seja, havia atividades para meninos e para meninas, tais como: a prática da dança, na qual era comum os meninos se recusarem a participar, pois consideravam atividades destinadas às meninas.

Priscila Dornelles, Ileana Wenez e Maria Simone Schwengber (2013) discorrem que para reduzir as desigualdades de gênero e sexualidade no ambiente escolar, os professores

podem adotar diversas estratégias pedagógicas. Essas práticas incluem promover uma visão inclusiva e respeitosa das diferenças de gênero e sexualidade nas atividades de Educação Física, evitando a reprodução de estereótipos ligados ao feminino e ao masculino. Além disso, é importante incentivar a participação de todos os alunos em atividades tradicionalmente associadas a um gênero específico, como dança para meninas e esportes para meninos, permitindo que todos explorem essas experiências. Outra estratégia é estimular discussões em sala sobre normas de gênero e heteronormatividade, auxiliando na desconstrução de práticas excludentes e ampliando a aceitação da diversidade de identidades. Por fim, as autoras indicam criar um ambiente acolhedor e seguro, de modo que os alunos possam expressar suas identidades de gênero e orientações sexuais sem receio de julgamento ou discriminação. Tais medidas contribuem para uma educação mais inclusiva e crítica, promovendo a igualdade de gênero e a valorização da diversidade no contexto da Educação Física escolar.

Sendo assim, a análise dos trabalhos pesquisados identificou que estudos de gênero na área da Educação Física no Estado do Tocantins ainda são escassos, haja vista, que há oito (08) Instituições de Ensino Superior públicas e privadas que poderiam desenvolver pesquisas na área e encontrou-se apenas dez (10) estudos nos últimos dez anos. Houve apenas dois estudos relacionados a gênero e sexualidade, demonstrando que estudos sobre a Comunidade LGBTQIAPN+ ainda são incipientes. Há necessidade de continuar aprofundando as pesquisas sobre gênero e sua expansão na Educação Física escolar, pois é um tema transversal pouco trabalhado e citado dentro das salas de aulas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa alcançou o objetivo de examinar a existência de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que tratam da inclusão de estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física Escolar, em cursos de Educação Física localizados no Estado do Tocantins. Por meio do levantamento das Instituições de Ensino Superior e da análise de seus repositórios acadêmicos, constatou-se que a produção científica sobre essa temática ainda é limitada, ressaltando a necessidade de maior dedicação a esse assunto no campo profissional.

Durante essa pesquisa, minha compreensão sobre a Educação Física e a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ se expandiu de maneira significativa. No início, minha percepção sobre os desafios enfrentados por estudantes LGBTQIAPN+ nesse contexto era baseada apenas em vivências pessoais e relatos de pessoas próximas. Entretanto, ao aprofundar a investigação e constatar a escassez de estudos acadêmicos sobre o assunto, percebi como essa questão ainda

é pouco explorada e o impacto da falta de representatividade e de práticas inclusivas na formação dos alunos.

Esse percurso também foi fundamental para fortalecer minha identidade tanto como pesquisadora quanto como integrante da comunidade LGBTQIAPN+. Passei a enxergar minha trajetória acadêmica como uma ferramenta de transformação, entendendo que a Educação Física precisa ser ressignificada para garantir a inclusão de diferentes identidades e expressões de gênero.

Além disso, ao entrar em contato com as dificuldades enfrentadas por outros estudantes profissionais LGBTQIAPN+ na área, reforçou-se em mim a necessidade de continuar investigando, debatendo e sugerindo mudanças. A escrita desse trabalho também representou um processo de autoconhecimento e fortalecimento, permitindo-me refletir sobre experiências pessoais que antes pareciam isoladas, mas que agora percebo como parte de uma cultura LGBTQIAPN+fóbica.

Dessa forma, destaco a relevância das narrativas pessoais na produção do conhecimento, especialmente em temas que envolvem grupos historicamente marginalizados. O preconceito contra a comunidade LGBTQIAPN+ ainda persiste, e dar visibilidade a essas vivências é essencial para ampliar o debate e promover mudanças efetivas. Essa pesquisa não apenas reforçou meu compromisso com uma Educação Física mais inclusiva, mas também transformou minha maneira de compreender meu papel como futura profissional e pesquisadora.

Pesquisas interseccionais que envolvam povos indígenas, povos afro-brasileiros e a comunidade LGBTQIAPN+ nas aulas de Educação Física precisam ser aprofundados noutras pesquisas, buscando investigar como gênero e sexualidade são trabalhados nas escolas presentes nas comunidades tradicionais indígenas e quilombolas.

Os resultados indicaram que as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar frequentemente perpetuam estereótipos de gênero, dificultando a plena inclusão de estudantes da comunidade LGBTQIAPN+. Esse panorama exige intervenções pedagógicas que favoreçam um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário, focadas na desconstrução de estigmas e no estímulo à participação equitativa de todos os alunos nas atividades propostas.

Entre os principais desafios enfrentados durante a pesquisa, destacam-se o acesso restrito a repositórios e a escassez de estudos sobre o tema no período analisado. Essas limitações, porém, reforçam a necessidade de aprofundar pesquisas futuras que explorem a

relação entre gênero, sexualidade e Educação Física, propondo práticas que promovam a diversidade e a equidade.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para uma ação mais enfática com educadores quanto acadêmicos sobre a relevância de adotar práticas pedagógicas inclusivas, além de estimular a realização de novas pesquisas que ampliem o entendimento e a aplicação do tema na formação de professores e nas escolas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Emily Cristina Pereira. **A dança como prática pedagógica na Educação Física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação): Universidade Federal do Norte do Tocantins, Curso de Educação Física/Campus Universitário de Tocantinópolis, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/4476>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BRASIL. **Manual de Orientação para a Implementação de Políticas Públicas de Diversidade LGBT**. Brasília: Governo Federal, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/lgbt/manual2018.pdf>. Acesso em: 14 maio 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Banco de dados do E-MEC: cursos de Educação Física no Estado do Tocantins. Dados obtidos em junho de 2024. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. 368 p.

GIARDIN, Aline Rosana. **A importância das aulas de educação física na concepção do corpo e inclusão de alunos LGBT no contexto escolar**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/231840>. Acesso em: 17 nov. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MARANI, Vitor Hugo; SILVA, Gabriella Gonçalves M.; IRBER, Eduarda Carolina; ARAÚJO, Pâmela Figueredo B. Gênero, sexualidade e raça nos estudos culturais físicos: experiências formativas na Educação Física Brasileira. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.58, p. 203-216, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5500>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MARTINS, Gabrielle Alves. **A ginástica e a dança como conteúdo e ferramenta pedagógica nas ações do PIBID Educação Física**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação): Universidade Federal do Norte do Tocantins, Curso de Educação Física/Campus Universitário de Tocantinópolis, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/5216>. Acesso em: 17 nov. 2024.

NEVES JÚNIOR, Ismael Barreto. **Relações de gênero e sexualidade na formação das/dos professores de Educação Física nas instituições de ensino superior públicas do Tocantins**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Tocantins, Curso de Educação Física, Miracema - TO, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2796>. Acesso em: 17 nov. 2024.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. Por que você não me abraça? **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 15, n. 28, p. 167 - 179, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-megg-rayara-gomes-de-oliveira.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

OLIVEIRA, Patrícia Moreira. **Discutindo Educação Física e gênero: percurso histórico das relações de gênero na sociedade e nas práticas corporais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Tocantins, Curso de Educação Física, Miracema – TO, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/7125>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SANTOS, Anderson Neves. **A diversidade sexual e de gênero nos currículos que (in)formam pedagogas(os), professores(as) de Educação Física e bacharéis em Direito na Universidade de Brasília (UnB)**. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Educação, Palmas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2252>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SANTOS, Richelle Moraes. **A Trajetória esportiva no futebol feminino: da iniciação à profissionalização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Norte do Tocantins, Curso de Educação Física/Campus Universitário de Tocantinópolis. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4490>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SILVA, Maicon Pinto. **A participação feminina nas aulas de Educação Física do ensino fundamental II em Miracema do Tocantins - TO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Tocantins, Curso de Educação Física, Miracema - TO, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/5412>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SOUZA, Jefferson Alves. **A Educação Física escolar entre o real e o virtual: a utilização dos jogos eletrônicos como possibilidade pedagógica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Norte do Tocantins, Curso de Educação Física/Campus Universitário de Tocantinópolis, 2019. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1602>. Acesso em: 17 nov. 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022.

RAMOS, Millena Silva. **Da inspiração à profissão:** compreendo o processo de construção da docência feminina na Educação Física. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Norte do Tocantins, Curso de Educação Física/Campus Universitário

de Tocantinópolis, 2022. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4498>. Acesso em: 17 nov. 2024.

UNESCO. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia na escola.** Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=171385](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=171385). Acesso em: 17 nov. 2024.

VIANA, Taylane Maria Sousa. **A pedagogia e a função cognitiva de idosos da Academia da Melhor Idade do Norte do Tocantins.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Fundação Universidade Federal do Tocantins, Curso de Educação Física/Campus Universitário de Tocantinópolis, 2016. Acesso em: 14 maio 2024.